

O USO DAS CHARGES COMO UM RECURSO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

THE USE OF CHARGES AS A PEDAGOGICAL RESOURCE FOR TEACHING IN PORTUGUESE LANGUAGE

Jhucyane Pires RODRIGUES¹

RESUMO: Neste trabalho, voltou-se o olhar para o grande número de estudantes dispersos e desinteressados pelos conteúdos abordados em sala de aula. Diante dessa realidade, buscou-se uma alternativa simples para despertar-lhes um maior interesse, principalmente no que tange aos conteúdos voltados para a gramática. Essa é apenas uma amostra que pode ser adaptada para os mais diversos conteúdos didáticos e anos escolares. Por fim, comprova-se que as charges podem ser bem exploradas nas escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; Interpretação; Charges.

ABSTRACT: In this work, we looked at the large number of students dispersed and disinterested in the contents addressed in the classroom, in view of this reality, we sought a simple alternative to arouse a greater interest, especially with regard to the contents focused on grammatical, this is only a sample that can be adapted to the most diverse didactic contents and school years. Finally, it is proven that cartoons can be well explored in schools.

KEYWORDS: Teaching; Interpretation; Charges.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

1 Introdução

A educação é um âmbito que vem cada vez mais tendo que se reinventar, superar inúmeros desafios para atender às necessidades da atualidade, e um desses desafios é ter que lidar com o desinteresse dos estudantes. Arriscamos

¹ Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa e suas literaturas, na Universidade de Pernambuco - UPE, Campus Garanhuns, Garanhuns, Brasil. E-mail: jhucyanerodrigues@gmail.com

aqui dizer que este desinteresse tem várias motivações e uma delas é pela forma que se dá o processo de aprendizagem em muitas salas de aula de nosso país. Muitas vezes o conhecimento se mostra para esses alunos de uma forma bastante teorizada, repleta de conceituações e regras, e carente de praticidade, ludicidade, atratividade, não levando os estudantes a refletirem criticamente sobre o mundo em que estão inseridos, com seus problemas e suas virtudes.

Nesse sentido, realizamos esta pesquisa que tem como objetivo principal discutir o conhecimento acerca do uso de charges na sala de aula e a sua aplicabilidade no estudo de conteúdos programáticos, além de apenas explorar o seu lado crítico. Demonstraremos a aplicabilidade das charges no estudo das figuras de linguagem, com isso tem-se o intuito de tornar os conteúdos didáticos mais práticos e reflexivos.

Para início de conversa, falaremos sobre a importância da leitura em sala de aula, por meio do gênero textual charge, e para isso contaremos com autores como Fávero e Koch (1988), Marcuschi (2002) e Orlandi (2005). Em seguida, conheceremos um pouco mais sobre as charges a partir das pesquisas de Romualdo (2000) e, por fim, serão analisadas sete charges que podem ser utilizadas para o ensino acerca das figuras de linguagem.

2 Metodologia

Este trabalho foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2002, p. 44), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” e possui um cunho narrativo. Foi realizada uma pesquisa sobre o assunto por meio das palavras-chave: ensino; figuras de linguagem e charges, em plataformas científicas como o Google acadêmico e o Scielo. A partir dessas pesquisas foram selecionados artigos e demais pesquisas para a construção deste trabalho. Quanto às charges analisadas, essas foram buscadas no Google de forma aleatória por meio de pesquisas sobre as figuras de linguagem.

No geral, esta pesquisa tem como objetivo principal discutir o conhecimento acerca do uso de charges na sala de aula e a sua aplicabilidade em conteúdos programáticos, além de apenas explorar o seu lado crítico.

3 O ato de ler e as charges

A leitura é imprescindível para se viver bem em sociedade, tendo em vista que a sociedade é grafocêntrica, ou seja, focada na escrita, e para bem escrever é preciso bem ler, compreender de fato o que está escrito, saber interpretar o que está além e aquém às palavras, como destaca Orlandi (2005, p. 42) “os sentidos não estão nas palavras elas mesmas; estão aquém e além delas”, daí surge a necessidade de estudar os diversos gêneros textuais para melhor podê-los interpretar.

Como bem disse Ferreiro e Teberosky (1999), “Ler não é decifrar, escrever não é copiar”, não basta saber ler (decodificar) ou escrever (codificar), é preciso conhecer o objeto que se está moldando, a sua função, precisa-se entender e desenvolver o seu domínio sob a linguagem. Por isso, os estudantes devem conhecer o maior número de gêneros textuais possíveis na escola e aprender o seu funcionamento, tendo em vista que os gêneros textuais “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais” (MARCUSCHI, 2002 p. 20).

Seguindo esse sentido, é notável que no meio educacional há um maior suporte para o desenvolvimento das habilidades leitoras dos educandos. Depois de falarmos um pouco sobre a leitura, ou, melhor dizer, o ato de ler, podemos nos questionar sobre o que de fato é considerado um texto atualmente. Nesse sentido, Fávero & Koch (1988: 25) afirmam que:

‘texto’, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, um filme, uma escultura etc.), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos (Fávero; Koch, 1988, p. 28).

Desse modo, pode-se dizer que um texto vai além de uma produção escrita, é uma forma de interação, de comunicação, que pode também se dar através da oralidade, de imagens e de outros aparatos que tenham a mesma

finalidade. Por isso, aqui teceremos algumas informações acerca do gênero textual charge e sua utilização nas salas de aulas.

4 Charges e suas facetas

As charges possuem um alto teor crítico, são carregadas de múltiplos sentidos e de ironias e cada vez mais ganham destaque entre jovens e adultos de várias classes econômicas, principalmente com o advento das redes sociais, onde as imagens passaram a falar bem mais do que as palavras e vão longe, interligam pessoas dos mais diversos lugares do planeta. As charges são, geralmente, uma espécie de “crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política” (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p. 89), e são constituídas por um certo exagero, como já diz sua etimologia, que remonta à França, charge significa exagero, carga. Segundo Romualdo (2000, p. 5):

A charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois, enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade de leitura, o texto chágico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor (Romualdo, 2000, p. 5).

As charges são produzidas com base na intertextualidade e na interdiscursividade. No primeiro caso, por se relacionar com outros textos diversos, principalmente com os textos jornalísticos, podem aparecer no jornal como uma espécie de “complemento” ao tema exposto nos demais gêneros textuais ali presentes, principalmente quando se tratam de reportagens sobre acontecimentos polêmicos, trágicos ou cômicos. Nesse sentido, a interdiscursividade também é indissociável, pois toda e qualquer charge é carregada de discursos outros, discursos que podem ser até mesmo desconhecidos por parte de seus autores, mas não deixam de se fazerem presentes naquele momento enunciativo (AZEVEDO, 2017).

O fato é que as charges são construídas a partir de acontecimentos, de textos escritos e de textos imagéticos repletos de posicionamentos críticos de seus criadores, os chargistas, por isso, é um gênero textual temido por pessoas muito

influentes como os políticos e pessoas que possuem comportamentos extremistas, sejam de ordem política ou religiosa. Relembramos, por exemplo, o episódio ocorrido em 7 de janeiro 2015, quando religiosos islamitas extremistas atacaram o jornal francês Charlie Hebdo por discordarem das charges de humor sobre o Islamismo que foram publicadas no jornal, resultando na morte de 12 pessoas. Não vamos discutir sobre o conteúdo veiculado nas charges, não nos cabe aqui essa posição, queremos apenas demonstrar a repercussão e as proporções que uma charge pode tomar ao chegar às "mãos erradas" (MAINSONNAVE, 2015).

Voltando-nos para o gênero charge, propriamente como materialidade, podemos afirmar que ela não é simplesmente uma imagem que diz algo sobre a sociedade na atualidade, ela é um instrumento de leitura, posto que é constituída por uma mescla da linguagem verbal (texto) e da linguagem não verbal (imagens, balões). Então, é possível ler uma charge, e todos os elementos presentes nas charges são carregados de significações, por exemplo, o balão de fala significa de um jeito, o balão de pensamento já significa de outra forma, implica diferentes sentidos, e o tempo que se encontra o leitor pode acabar modificando a sua interpretação, assim como seu grau de conhecimento prévio sobre o assunto abordado no texto, posto que se está diante de um texto que transmite informações sobre fatos ocorridos e é, ao mesmo tempo, um texto repleto de críticas e de humor (CAVALCANTE, 2008).

Por isso, para que haja uma maior e melhor compreensão do objeto lido, é preciso que o educando desenvolva bem a habilidade da interpretação. Segundo Costa (2008, p. 11), "Quem interpreta normalmente atua como se estivesse a desvendar os sentidos contidos no texto. A crença de que o sentido é imanente ao objeto faz parte do exercício de quase toda atividade de interpretação.", mas não passa de uma crença, os sentidos não estão sempre ali prontos para serem "desvendados", os sentidos constroem-se e se reconstroem, a depender do contexto sócio-histórico-cultural em que estão inseridos.

Como dito anteriormente, nota-se que a intertextualidade é um elemento indispensável à análise de charges, visto que este gênero possui uma relação direta com os acontecimentos político-sociais do país, ou, melhor dizendo, devido às condições de produção desse texto e tendo em vista que todo dizer

significa de tal modo porque outros dizeres passados (já-ditos) tornaram esse significado possível. Seguindo essa mesma perspectiva da intertextualidade Orlandi (1987: 195), nos diz que “um texto tem relação com outros (suas paráfrases) que poderiam ter sido produzidos naquelas condições e que não foram”.

5 O que dizem os documentos oficiais sobre a leitura de charges?

Nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa (1997, 1998), encontra-se uma noção de leitura semelhante à que vem sendo abordada aqui nesta pesquisa, a de que a leitura é encarada além da decodificação, da conversão de letras em sons, ou seja, vai-se na mesma perspectiva defendida por Ferreiro e Teberosky (1999), ressaltando a importância da compreensão do que se lê, não basta ler por si só, dizer o que está escrito, é preciso entender o significado daqueles dizeres ali presentes. Nesse sentido, os PCNs afirmam que a escola deve oferecer as condições adequadas para que os estudantes conheçam um grande número de gêneros textuais, e assim tenham possibilidades de leitura, e os docentes são fundamentais nesse processo, são mais do que mediadores do conhecimento, serão parceiros de leituras, conversas, debates, trocas.

Quanto às charges, especificamente, há poucas referências nos documentos, diz-se que é preciso adequar os gêneros textuais às faixas etárias dos estudantes; como exemplo, citam que uma criança de 11 anos pode não ter o conhecimento de mundo necessário para compreender uma charge política, mas que esse mesmo estudante nos seus 14 ou 15 anos já é capaz de melhor lidar com esse texto. Trata-se de aprofundar os conteúdos aos poucos, principalmente os que necessitam de conhecimentos prévios, ou de mundo, como já dizia o educador Paulo Freire (1982) “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, vai-se além das palavras.

Tendo em vista a fácil transitividade das charges entre as crianças e jovens, fez-se uma breve observação da Base Nacional Comum Curricular² (BNCC).

² Documento homologado em 2018, pelo Ministério da Educação, e que traz os conhecimentos/aprendizagens que são essenciais ao ensino nas escolas públicas e que vão desde a educação infantil ao ensino médio.

Nesse documento, notou-se a presença de referências diretas ao gênero charge, e outros gêneros considerados jovens, como um elemento, além de educativo, político-social, propício para manter os estudantes informados acerca dos acontecimentos relevantes ao seu país e ao mundo e despertar-lhes o pensamento crítico e ético.

Em outros momentos, também se afirma que os gêneros digitais, como a charge, os memes, os gifs, entre outros, são fundamentais na ampliação da compreensão dos mais variados textos presentes nas redes sociais. No que tange ao modo em que a escola deve trabalhar esses “novos gêneros”, a BNCC (2018, p. 141) afirma que:

[...] em cada ano, contemplem-se gêneros que lidem com informação, opinião e apreciação, gêneros mais típicos dos letramentos da letra e do impresso e gêneros multissemióticos e hipermediáticos, próprios da cultura digital e das culturas juvenis (BNCC, 2018, p. 141).

Ou seja, cabe aos docentes e coordenadores pedagógicos de cada instituição se atentarem às demandas de seus estudantes e ofertar atividades que se utilizem desses gêneros digitais.

6 Análise das charges

Aqui apresentaremos uma alternativa ao uso das charges para os estudos das figuras de linguagem, assunto corriqueiro nas aulas de língua portuguesa, nas provas de concursos e vestibulares.

O interesse de trabalhar com o gênero jornalístico charge surgiu do grau de atratividade que desperta nos leitores e sua facilidade e rapidez em transmitir informações a partir de um dado ponto de vista. O uso das charges em sala de aula aqui discutido tem como principais objetivos:

- Apresentar o gênero jornalístico charge, suas características e meios de divulgação;
- Estudar as figuras de linguagem;
- Associar a leitura crítica das charges com o conteúdo, no caso as figuras de linguagem;

- Analisar e interpretar a linguagem verbal e a não verbal;
- Detectar as diversas possibilidades de interpretação e o humor presente nas charges;
- Associar as charges aos acontecimentos do estado, do país e do mundo;
- Demonstrar a presença da intertextualidade nessas charges, e a necessidade de um conhecimento prévio para se chegar a uma interpretação mais precisa;
- Debater sobre os assuntos mais diversificados possíveis trazidos nas charges, temas que dialoguem com a faixa etária dos estudantes e que contribuam com a sua formação como cidadãos, como exemplo temos: uso de drogas, bullying, trabalho infantil, violência doméstica, política, etc.

A seguir, encontra-se um quadro indicando as figuras de linguagem que serão analisadas e suas respectivas definições adotadas nesta pesquisa e, em seguida, tem-se as charges.

Tabela 1

Figuras de linguagem	Definições
Figura 1: Catacrese	Consiste no uso de uma palavra em um sentido diferente do comum, posto que não há uma palavra exata para descrever aquela situação. Ex.: O pé da mesa quebrou.
Figura 2: Metonímia	Comparação de um elemento com o seu criador, autor. Ex.: Eu li Clarice, adorei!
Figura 3 e 4: Metáfora	Uso de uma palavra de sentido figurado no lugar de outra palavra que possui um significado semelhante. Ex.: Ela tem mãos de fada.

<p>Figura 5: Eufemismo</p>	<p>Trata-se de apaziguar, suavizar expressões. Ex.: Marcos descansou.</p>
<p>Figura 6: Anáfora</p>	<p>Repetição regular de termos. Ex.: Ele falou pouco, falou baixo, falou muito rápido, não entendi nada.</p>
<p>Figura 7: Ironia</p>	<p>Consiste no uso de termos em um sentido diferente do sentido empregado habitualmente naquele determinado contexto expressado. Ex.: Ele é tão tecnológico, que apagou tudo sem querer.</p>

Fonte: Tabela confeccionada pela autora.

Figura I – Bala perdida



Fonte: O Tempo, jornal. Julho/2011.

No aspecto semântico, podemos destacar na charge a presença da figura de linguagem catacrese que é utilizada quando “não existe um termo específico para designar algo” (VIANA, 2020), então é o emprego de uma palavra na tentativa de substituir outra que não existe.

Quanto ao âmbito da leitura verbal e imagética, pode-se ver claramente a imagem de uma criança segurando o que sua mãe afirma ser uma “bala perdida”;

acima da imagem vê-se a localização que indica “No rio”, ou seja, a cidade do Rio de Janeiro; então, trata-se de uma crítica à falta de segurança pública na cidade do Rio de Janeiro, demonstrando o quão perigosa ela está devido aos altos índices de confrontos entre policiais e quadrilhas armadas, e esses confrontos podem vir a fazer inúmeras vítimas inocentes.

Figura 2 – Livro por autor



Fonte: Blogspot, blog. Junho/2016.

Na charge II nos deparamos com uma metonímia, uma das figuras de linguagem mais utilizadas no cotidiano dos brasileiros. Ocorre quando há uma substituição de uma palavra por outra palavra que lhe seja semelhante ou que possua alguma relação de semelhança com a palavra original.

Aqui, por exemplo, vemos que o garoto da ilustração fala que “leu Machado de Assis” quando na realidade ele leu uma obra deste autor. É comum o uso da metonímia como uma alternativa para diminuir a repetição desnecessária de algumas palavras.

Figura 3 – Ficha suja



Na imagem acima, vemos que a expressão “ficha suja” não é utilizada em seu sentido próprio, literal, não se refere a uma ficha de papel que está suja, mas a um candidato ao pleito eleitoral que cometeu algum crime, como desvio ou lavagem de dinheiro público, sonegação, entre outros crimes políticos. O uso do termo “ficha suja” é, então, uma metáfora. “A metáfora representa uma comparação de palavras com significados diferentes e cujo conectivo de comparação (como, tal qual) fica subentendido na frase.” (FERNANDES, 2020).

Figura 4 - Fofoca



Fonte: Ivan Cabral, blog. Outubro/2013.

Nesta charge, vê-se que a expressão “produtora de biografias não autorizadas” foi utilizada para suavizar a fala da personagem; nesse sentido estamos diante de um eufemismo. Este tipo de figura de linguagem também é chamada de figura de pensamento, posto que são utilizadas a fim de colocar uma roupagem mais bonita, sutil nos textos, buscando “ficar bem na fita” com os seus interlocutores, e, naturalmente, este processo se dá no pensamento do falante, antes de expressar-se ele busca polir a sua fala para ser mais adequada ou menos grosseira. Esse tipo de figura de linguagem busca atingir um padrão aceitável de comunicação, se é que assim podemos dizer, busca enveredar pelo uso do politicamente correto, é muito presente nos discursos humorísticos, devido ao seu tom de ironia/ sarcasmo.

Figura 5 - Pressão



Fonte: Blogspot, blog. Maio/2017.

Como vimos anteriormente, a metáfora trata-se de uma espécie de comparação implícita. Esta charge é bem interessante aos nossos estudos, por conter pouca quantidade de linguagem verbal. Vê-se apenas um título bem acima, escrito “Sistema penitenciário brasileiro”, sendo assim nota-se que a imagem cumpre o papel de maior destaque e dá conta de transmitir a opinião crítica do chargista.

Esta charge, apesar de ter sido criada há alguns anos, infelizmente permanece atual, pois o sistema penitenciário do Brasil pouco mudou de lá para cá, continua sendo um depósito de pessoas que não são bem-vistas pela sociedade, superlotado, muitos presos vivem em péssimas condições e em diversas penitenciárias o processo de ressocialização não acontece como deveria.

Bitencourt (2011, p. 149) diz que a ressocialização dependerá do “[...] valor orçamentário destinado à contratação de pessoal capacitado e à dotação de meios adequados dependerá do êxito da meta ressocializadora.”, e sabemos que os nossos governantes não dão a devida atenção para estes casos. Enfim, trata-se de um assunto muito pertinente para se discutir possibilidades na sala de aula.

Figura 6 – Falta



Fonte: Toda matéria, site. 2011-2022.

Nesta charge, nota-se a presença da anáfora. Essa figura de linguagem dá conta da repetição de um determinado termo ou expressão no início de duas ou mais orações buscando retomar o sentido anterior ou reforçar a ideia expressada anteriormente.

Como aqui vimos, na charge VI, o paciente reclama da falta de ar e como resposta obteve mais reclamações do seu médico. É uma resposta inesperada, digamos assim, o que nos leva ao humor que é uma característica marcante da charge, e não menos marcante é a denúncia social acerca da falta de verbas destinadas à saúde pública do país. Então, temos a junção da crítica com o humor que bem constituem o gênero jornalístico charge, que pode muito bem ser utilizado como um aparato para os estudos das figuras de linguagem, dentre outros conteúdos.

Figura 7 - Políticos



Fonte: Blog spot, blog, 2019.

A figura de linguagem presente na charge acima é a ironia, também chamada de figura de pensamento, tendo em vista que é preciso um conhecimento prévio dos interlocutores sobre o acontecimento narrado. A ironia é uma das figuras de linguagem mais utilizada no dia a dia de grande parte da população, tem como característica básica a utilização de uma palavra ou frase em um sentido diferente do convencional, o que geralmente tende a levar o enunciado ao humor.

No caso desta charge, o garotinho dá uma resposta inesperada à pergunta formulada pela sua professora, a ironia surge a partir do sentido diferente do esperado que foi atribuído à palavra sujeito. Observando que a charge retrata uma sala de aula, deduz-se que se tratava de uma aula de língua portuguesa, cujo conteúdo abordado era a análise sintática, em que o conceito de sujeito é essencial. Acerca da análise de charges, pode-se também inferir que o contexto é um elemento essencial na formulação dos significados.

Considerações finais

Conclui-se que a escola tem um papel muito importante na vida dos estudantes, não apenas na sua formação escolar, mas também na sua vida pessoal e intelectual, na construção do seu eu pensante, reflexivo e atento ao que se passa em seu entorno. Então, as charges surgem como um gênero necessário tanto para a formação de pessoas reflexivas e curiosas quanto no que diz respeito à leitura e suas várias formas de se manifestar em nossa sociedade, principalmente

RODRIGUES, J. P.

nos meios midiáticos, mostram-se uma alternativa muito rica para se trabalhar a interpretação e para que, assim, os estudantes desenvolvam essa habilidade e possam aprimorar as suas competências leitoras, abrindo-se para um leque de experiências com o objeto textual, por meio de uma leitura que vai além do superficial, além do que está meramente escrito ou desenhado, uma leitura com ênfase em aspectos sociais.

Nesse sentido, foi-se visto que as charges se mostram uma excelente alternativa para aliar os estudos de conhecimentos gramaticais a debates sobre temas relevantes para a sociedade, possibilitando que os estudantes reflitam criticamente.

Como citar este artigo?

RODRIGUES, Jhucyane Pires. O uso das charges como um recurso pedagógico para o ensino de língua portuguesa. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 127-142, 2022.

Referências

AZEVEDO, V. V. O. K. A charge – intertextualidade e interdiscursividade presentes em sua construção. *Revista ao pé da letra*. Recife, v. 19, n. 2, p. 1–13, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/peda letra/article/download/236044/28786>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

BITTENCOURT, C.R. *Falência da Pena de Prisão: causas e alternativas*. São Paulo: Saraiva, 2011.

CAVALCANTI, M. C. C. *Multimodalidade e argumentação na charge*. 2008. 112 p.; Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7504>. Acesso em: 16 de jan. de 2022.

COSTA, A. A. *Direito e método: diálogos entre a hermenêutica filosófica e a hermenêutica jurídica*. Tese (Doutorado em Direito). Universidade de Brasília, 2008.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Crerios de textualidade*. Veredas, São Paulo, n.104, p. 17-34, 1985.

O USO DAS CHARGES COMO UM RECURSO PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

FERNANDES, M. Figuras de linguagem. *Toda matéria*, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/figuras-de-linguagem/>. Acesso em: 08 de jan. de 2022.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 21 ed. São Paulo: Cortez editora, 1982. PDF. Disponível em: A Importância do Ato de Ler (ufsc.br). Acesso em: 26 de abril de 2022.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MAISONNAVE, F. D. Entenda o que aconteceu no ataque ao jornal Charlie Hebdo em Paris. *Folhinha*. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2015/01/1576091-entenda-o-que-aconteceu-no-ataque-ao-jornal-charlie-hebdo-em-paris.shtml>. Acesso em: 25 de jan. 2022.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definições e funcionalidade*. In: DIONISIO, A. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

ROMUALDO, E.C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

VIANA, G. Figuras de linguagem. *Mundo educação*, 2020. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/figura-de-linguagem.htm>. Acesso em: 13 de jan. de 2022.